



UNIVERSIDADE FEDERAL DO NORTE DO TOCANTINS
CENTRO DE EDUCAÇÃO, HUMANIDADES E SAÚDE DE TOCANTINÓPOLIS
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO

RAILMA BARROSO DE SOUSA

**A DANÇA DO LINDÔ:
REGISTRO E MEMÓRIA NO POVOADO FOLHA GROSSA - TOCANTINÓPOLIS
(TO)**

TOCANTINÓPOLIS/TO
2022

RAILMA BARROSO DE SOUSA

**A DANÇA DO LINDÔ:
REGISTRO E MEMÓRIA NO POVOADO FOLHA GROSSA-
TOCANTINÓPOLIS- (TO)**

Trabalho de conclusão de curso - TCC apresentado à Universidade Federal do Norte do Tocantins – UFT, Centro de Educação, Humanidades e Saúde (CEHS) de Tocantinópolis, para a obtenção do título de licenciada em Educação do Campo: Códigos e Linguagens – Artes e Música, sob orientação do Professor e Doutor Marcus Facchin Bonilla.

Tocantinópolis, TO
2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

S725d Sousa, Railma Barroso de.

A dança do lindô: registro e memória no povoado Folha Grossa-Tocantinópolis (TO). / Railma Barroso de Sousa. – Tocantinópolis, TO, 2022.
34 f.

Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus
Universitário de Tocantinópolis - Curso de Educação do Campo, 2022.

Orientador: Marcus Facchin Bonilla

1. Educação do campo. 2. Lindô. 3. Memória. 4. Comunidade. I. Título

CDD 370.91734

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).


Railma Barroso De Sousa

A DANÇA DO LINDÔ:
REGISTRO E MEMÓRIA NO POVOADO FOLHA GROSSA EM TOCANTINÓPOLIS (TO)


Trabalho de conclusão de curso - TCC apresentado à UFNT – Universidade Federal do Norte do Tocantins – Centro de Educação, Humanidades e Saúde (CEHS) de Tocantinópolis, Curso de licenciatura em Educação do Campo, foi avaliado para obtenção do título de Licenciada em Educação do Campo e aprovada em sua forma final pelo orientador e pela banca Examinadora.

Data da Aprovação: 21/06/2022


Banca Examinadora:

Documento assinado digitalmente
 MARCUS FACCHIN BONILLA
Data: 21/06/2022 10:23:54-0300
Verifique em <https://verificador.iti.br>

Prof. Dr. Marcus Facchin Bonilla, Orientador (UFNT)

Documento assinado digitalmente
 LINDIANE DE SANTANA
Data: 21/06/2022 10:54:24-0300
Verifique em <https://verificador.iti.br>

Profa. Ms. Lindiane de Santana, Examinadora (UFNT)

Documento assinado digitalmente
 Luana Mara Pereira
Data: 21/06/2022 11:07:25-0300
Verifique em <https://verificador.iti.br>

Profa. Ms. Luana Mara Pereira, Examinadora (UFNT)

Dedico este trabalho e agradeço a Deus em primeiro lugar, por me conceder a oportunidade de realizar este trabalho, conseguir chegar até aqui, meu esposo Wildemar por nunca deixar eu desistir, o meu filho Luan. Minha mãe Maria Divina que nunca mediu esforços para me ajudar, todos meus amigos, amigas, comadre, compadre e todos os meus familiares que estiveram presentes sempre tirando minhas dúvidas, ao meu pai Raimundo Barroso que não está presente aqui, está ao lado de Deus, gratidão a todos.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus pelo dom da vida e por guiar meus passos, com pensamentos positivos, permitindo que eu fosse capaz de não desistir de realizar este trabalho. Houve momentos difíceis sim, mesmo assim eu nunca pensei em desistir, porque sempre quis fazer esse curso de Educação do Campo com Habilitação em Artes e Música na Universidade Federal do Tocantins, campus de Tocantinópolis.

Também agradeço meu orientador: Marcus Facchin Bonilla, por estar sempre me atendendo seja no WhatsApp, e-mail, ou até sua sala de aula, tirando sempre minhas dúvidas que tinha em relação ao TCC, no começo não foi nada fácil, mas, o orientador esteve sempre presente, então, sou grata por tudo que têm feito para eu conseguir chegar até aqui.

A todos os meus familiares, que não mediram esforços para eu nunca desistir, me ajudando a cuidar do meu filho enquanto eu estudava. A todos os meus amigos e amigas que são muitas pessoas não vou citar nomes, mas todos que estiveram comigo sabem o quanto foi fundamental, na minha vida me ajudando e dando conselhos.

Os entrevistados que puderam contribuir com seus relatos sobre o Lindô, fotos, vídeos e modelo de TCC, gratidão a cada um de vocês, Joelson Araújo, Silvano Conceição, Gercione Soares, Alice Queiroz, Larissa Alencar e Lidiane Brandão do fundo meu coração.

A banca examinadora que fará presença na apresentação do meu trabalho, fazendotodo fechamento da minha pesquisa com suas contribuições e discussões a serem feitas, de já, sou grata a todas.

“Educação não transforma o mundo.
Educação muda pessoas. Pessoas transformam o mundo”.

Paulo Freire

RESUMO

O trabalho tem como tema o processo de registro e memória da dança do lindô na Folha Grossa. A comunidade fica localizada na TO-126, estrada que liga Tocantinópolis à Maurilândia, e tem como objetivo geral compreender o Lindô, antes da pandemia da Covid-19 e durante a pandemia, o que houve de diferente e como vem acontecendo a dança, quanto ao processo de aprendizagem da manifestação cultural da dança do lindô. Os objetivos específicos são verificar como vem desenvolvendo o lindô; conhecer o nome da música que é cantada durante a realização da dança; compreendero porquê da manifestação cultural da dança lindô no povoado Folha Grossa não estar acontecendo antes da pandemia; verificar na dança do lindô, se aquelas pessoas pesquisadas por Araújo (2016) ainda realizam a manifestação do mesmo modo, ou se existem diferenças, se sim, quais. Como problema da pesquisa percorre a seguinte pergunta: Como manter a manifestação cultural do lindô viva? Na hipótese acredito que poucas pessoas da nova geração conhecem o Lindô, como nunca assistiram o grupo se apresentar. Como metodologia principal da pesquisa foram entrevistadas duas pessoas e houve análise de vídeo e fotos, passadas por moradores da própria comunidade e acadêmicas do curso de Educação do Campo. Alguns autores foram utilizados como referências, sendo eles, Quilombola (2017), Filho et al, (2011), Rodrigues (2017) e Santos (2007). A pesquisa realizada foi fundamental para elaboração do trabalho e entender melhor a Dança do Lindô.

Palavras-chaves: Educação do Campo, Lindô, Memória, Comunidade e Povoado Folha Grossa.

ABSTRACT

The work has as its theme the process of recording and memory of the lindô dance in Folha Grossa. The community is located on TO-126, the road that connects Tocantinópolis to Maurilândia, and its general objective is to understand Lindô, before the Covid-19 pandemic and during the pandemic, what was different and how dance has been happening, how much to the learning process of the cultural manifestation of the lindô dance. The specific objectives are to verify how lindô has been developing; knowing the name of the song that is sung during the performance of the dance; understand why the cultural manifestation of lindô dance in the village of Folha Grossa was not happening before the pandemic; verify in the lindô dance, if those people surveyed by Araújo (2016) still perform the manifestation in the same way, or if there are differences, if so, which ones. As a research problem, the following question runs through: How to keep the cultural manifestation of lindô alive? In the hypothesis, I believe that few people of the new generation know Lindô, as they have never seen the group perform. As the main methodology of the research, two people were interviewed and there was analysis of video and photos, passed by residents of the community itself and academics of the Rural Education course. Some authors were used as references, namely, Quilombola (2017), Filho et al, (2011), Rodrigues (2017) and Santos (2007). The research carried out was fundamental for the elaboration of the work and to better understand the Dança do Lindô.

Keywords: Countryside Education, Lindô, Memory, Community and Povoado Folha Grossa.

ÍNDICE DE FIGURAS

FIGURA 1 PLANTA CONHECIDA POR FOLHA GROSSA	12
FIGURA 2 FOTO DO GRUPO DE LINDÔ 1.	29
FIGURA 3 FOTO DO GRUPO DO LINDÔ, JOVENS E CRIANÇAS DA FOLHA GROSSA 2.	30
FIGURA 4 GRUPO DO LINDÔ E ACADÊMICAS LIDIANE BRANDÃO E ALICE QUEIROZ 3.	30

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO I	18
CAPÍTULO II -MEMÓRIAS DO LINDÔ	23
2.1 Vídeo 2014	23
2.2 Vídeo 2016	24
2.3 - Entrevistas	24
2.3.1 Entrevista Silvano Conceição Barros	25
2.3.2 Entrevista Gercione Pereira Soares	26
2.4 Fotos	28
CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
REFERÊNCIAS	35

INTRODUÇÃO

Este trabalho trata sobre a Dança do Lindô, uma manifestação cultural que acontecia no Povoado Folha Grossa, a pesquisa realizada de Filho traz sendo sua provável origem africana e que, no Brasil, teve início no estado do Maranhão no ano de 1972 na cidade de Caxias (MA). O objetivo geral é compreender o Lindô, antes da pandemia da Covid-19 e durante a pandemia, o que houve de diferente e como vem acontecendo a dança, quanto ao processo de aprendizagem da manifestação cultural da dança do Lindô. Os objetivos específicos são verificar como vem desenvolvendo o Lindô; conhecer o nome da música que é cantada durante a realização da dança; compreender o porquê da manifestação cultural da dança Lindô no povoado Folha Grossa não estar acontecendo antes da pandemia; verificar na dança do Lindô, se aquelas pessoas pesquisadas por Araújo (2016) ainda realizam a manifestação do mesmo modo, ou se existem diferenças, se sim, quais. Foi identificado que a música “Chora bananeira que amanhã eu vou embora” era praticada na manifestação, o Lindô, só ficou conhecida na comunidade através de uma família que veio do Maranhão, que ensinou para a comunidade, no entanto, esta é uma manifestação cultural onde eu via meus tios, amigos, amigas dançarem com toda aquela alegria no rosto, nesse sentido, resolvi realizar essa pesquisa, pois essa atividade encontra-se ameaçada de esquecimento, e nas gerações novas poucos conhecem sobre sua história.

A pesquisa foi realizada na comunidade Folha Grossa próximo da cidade de Tocantinópolis, onde eu moro, com intuito de promover e conhecer a manifestação cultural do Lindô.

Muitas pessoas têm a curiosidade de saber por que a comunidade ficou conhecida por esse nome de Folha Grossa, em relatos dos mais velhos da comunidade, em outros trabalhos feitos durante o curso de Educação do Campo, tinha uma disciplina de seminário integrador I, onde o tema era história de vida, o mesmo tinha que fazer entrevista com alguns membros da comunidade para eles poderem contar sua história de vida e registramos no Caderno da Realidade.

Muitas das pessoas que eu questioneei, do porquê do nome Folha Grossa, relataram que, com a chegada dos primeiros moradores a este local havia bastante pé de uma planta

medicinal chamada ‘Folha Grossa’, o nome científico desta planta é *Bryophyllum pinnatum*, usada para colocar nos fermentos. No entanto esta planta medicinal é conhecida pelos seguintes nomes: Folha da fortuna, Folha da costa, Amor verde, Planta do amor, Coirama, para tudo, dentre outros nomes, pesquisando sobre a planta Folha Grossa, pude conhecer outros nomes, pois não tinha conhecimentos de como ela é chamada nas outras comunidades, como na minha comunidade Folha Grossa, eu a conheço por esse nome de Folha Grossa. Algumas residências ainda encontram esta planta em seus jardins.

Figura 1 Planta conhecida por folha grossa



Fonte: Acervo pessoal

O Povoado Folha Grossa hoje tem 130 famílias, como muitos já estão trabalhando na cidade de Tocantinópolis, alguns nos seus próprios pontos comerciais, assim como outros moradores trabalham em empresas como a Tobasa e Agronorte, no próprio município, mas também em outras cidades na busca de emprego.

Uma lembrança que tenho em relação ao Lindô era que, de vez em quando, membros da comunidade dançavam na casa da Maria dos Anjos, esta senhora é conhecida na comunidade como rezadeira e professora da dança do lindô, pois ela sempre esteve presente na dança e contribuiu para ensinar os moradores da Folha Grossa a dançar. Na sua casa, todas as pessoas iam para participar e algumas para assistir. O grupo era muito divertido, cantavam e dançavam com as batidas de pé muito forte e as palmas das mãos, lembro sempre que as mulheres iam de saia um pouco longa, que era para poder rodar e os homens usavam calça e

sapato. Uma diversão para as pessoas que dançavam e as que assistiam. Todo mundo participava, de um jeito ou de outro, tanto os brincantes quanto a plateia, que batiam palmas junto com o grupo. Sobre as vestimentas irei detalhar um pouco mais sobre isso mais adiante.

Na ocasião, no ano de 2014, quando aconteciam os ensaios do Lindô, eu observei que não iam só as pessoas mais idosas, mas também os jovens participavam.

Neste momento, desde o final de 2017, que os moradores do Povoado Folha Grossa não estão praticando o Lindô, antes mesmo da pandemia já não estava mais acontecendo, já faleceram seis pessoas que fizeram parte do grupo do Lindô e outras pessoas estarem doentes, então vejo que talvez tenha sido o motivo de ter parado essa manifestação cultural. Me lembro quando acontecia os ensaios do grupo do lindô, havia muitas pessoas participando sendo eles, Augusto, Ilsa, Hilda, Silvia, Silvano, Aldenora, Gercione, Florentina, Raimundo, Maria de Lurdes, Alex, Maria dos Anjos, Adeane, Celso, Jessiane e Vanessa.

Eu tive a oportunidade de conhecer um pouco da história do Lindô, só em estar presente assistindo, junto a todos os participantes, o que foi um momento marcante na minha história de vida. Trata-se da época do falecimento do meu pai, momento em que eu não estava pronta para participar de forma ativa, mas como uma forma de distração. Quando o meu pai faleceu eu tinha 13 anos de idade e meu irmão 14 anos, então para mim foi um período triste, que não consegui participar. Conversando com o professor Marcus Facchin Bonilla antes da pandemia, já estava bem encaminhado de fazer entrevistas com o grupo que dançava o Lindô e eu ia aprender a dançar, a qual seria realizado na minha própria residência, onde seria convidado a comunidade e quem quisesse participar, mas por conta da pandemia não foi realizado a dança na minha residência.

O Lindô do Folha Grossa era muito conhecido em alguns lugares, como o evento Festival de Quadrilhas da beira rio de Tocantinópolis, que sempre convidava o grupo que dançava o Lindô para fazer a apresentação de abertura da quadrilha, então muita gente pôde conhecer como outras cidades, sendo eles de Palmas, Araguaína, Imperatriz, dentre outras. Eu mesma, quando chegava o mês de junho, já ficava na expectativa de ir à beira rio, assistir ao Festival de Quadrilhas que acontecia mais ou menos por um período de uns 4 dias na cidade de Tocantinópolis.

Esta dança é relevante para muitas pessoas, pois engloba seu cotidiano e o seu corpo onde tem todo equilíbrio para se realizar a música e a dança. Esta temática despertou o meu

interesse de pesquisar, para poder compreender melhor como é desenvolvida a manifestação cultural do Lindô e seus respectivos participantes que ali se fazem presentes.

O povoado Folha Grossa realiza a dança do Lindô há muito tempo, e com essa pesquisa, buscou-se reforçar suas próprias histórias, pois, vejo que existe uma conexão grande com aquelas pessoas que não se fazem mais presentes. Observa-se que, pouco a pouco, a história vai ficando desconhecida na minha comunidade, e com minha pesquisa sobre ela quero reforçar a importância do Lindô no povoado Folha Grossa.

Outro fator que motivou a realização dessa pesquisa também foi a minha percepção de que as pessoas que realizam essa dança não estão mais com aquela mesma vontade de participar. Para mim é muito preocupante essa situação, pois acredito que esses ensinamentos da dança são fundamentais para as gerações do amanhã, como para mim mesma, que gostaria de aprender, mas, por conta da pandemia, não teve como eu aprender a dançar o mesmo neste momento.

Mediante a pandemia da covid-19, que é um vírus onde que se espalhou pelo mundo todo, quando chegou no Brasil, ficou complicado para eu aprender a dançar e cantar as músicas do Lindô, visto que a dança é realizada em dupla, necessita muita gente, precisa ser organizado para a dança acontecer, como os pares. Também havia a previsão de se fazer entrevistas com os que participavam e que eu teria a oportunidade de conhecer mais sobre esta história, porque, ao mesmo tempo em que eu iria perguntar algumas coisas, eu aprenderia junto com eles.

Vejo agora durante a pandemia da Covid 19, que ficou mais difícil das pessoas se reunirem para realizarem as danças e, até mesmo, cantar, então, a partir deste ponto, é um desafio aprender a dançar. Sabemos que esta dança é muito rica nesta comunidade, pois foi passada do morador mais velho do Povoado, conhecido por Raimundo, mas quem deu continuidade na dança na comunidade foi Maria Dos Anjos que fazia porque gostava e acredito que, naquela época, era o meio de se divertir.

Durante a pandemia da covid 19, a comunidade não teve nenhum movimento em relação a dança, festas e outros tipos de eventos. No entanto, dos que faziam parte, nem todos estão com a saúde cem por cento, mas espero que a pandemia passe e volte a ter eventos para alegrar a comunidade Folha Grossa, como também as outras comunidades vizinhas. O Lindô envolve dança e música, para sua realização tem que estar preparado para poder cantar junto.

O lindô já estava parado desde o final de 2017 e para mim foi uma preocupação, pois queria, de alguma forma, ter participado e ter o conhecido melhor.

A pandemia foi um susto para todos nós, fiquei sem saber por onde começaria. Mas conversando com meu orientador, foi surgindo novas e comecei a pesquisar tudo sobre o Lindô, pois por conta da pandemia não tinha como ficar indo nas casas das pessoas, e o pior de tudo, a Escola da comunidade também ficou fechada, assim como as de outras comunidades e cidades. Eu pensei em conversar também com a diretora da Escola Municipal Manoel de Sousa Lima para liberar seus alunos, para dançar o Lindô no dia que eu fosse realizar o evento, mas a pandemia mudou tudo que estava em mente, deste modo consegui realizar as entrevistas com alguns moradores, como tive acesso aos vídeos repassados pelo Silvano Conceição Barros e a fotos disponibilizadas pelas acadêmicas Alice Queiroz da Silva e Lidiane Brandão Macedo.

A proposta metodológica inicial para esse trabalho estava baseada em Buckland (2013), ao problematizar e refletir sobre experiências corporais, o que ela define como “autoetnografia”. Minha intenção aqui seria a de destacar alguns aspectos com os quais me deparei nos últimos anos e que me parecem relevantes para subsidiar uma reflexão teórica sobre as possíveis contribuições que o engajamento corporal do pesquisador dançarino poderiam trazer.

Porém, a metodologia que foi usada neste trabalho, por conta da pandemia, foi a pesquisa de campo que, infelizmente, não foi realizada com todos os sujeitos mais velhos envolvidos diretamente na dança, mas com outros sujeitos. Como foram entrevistados Gercione Pereira Soares e Silvano Conceição Barros que fizeram parte do grupo, a escolha dos entrevistados partiu do momento, pois queria conhecer melhor o Lindô, quando aconteceu aqui na comunidade, tinha essa curiosidade em saber, onde era realizado os ensaios e apresentações.

Com as entrevistas, pude me identificar melhor e entender, que o Lindô, dentro da comunidade Folha Grossa, era realizado os ensaios na casa da Dona Dos Anjos, como também acontecia na paralisação da TO-126, a dança do lindô acontecia durante manifestações que bloqueavam a estrada para exigir asfalto, então o grupo estava na paralisação e, para não ficar quieto, resolviam dançar no meio da estrada, aproveitava a falta de movimento (por estar bloqueado enquanto era asfaltada), para ter lugar para ensaiar porque

não tinha carro passando por conta da estrada estar fechada quando acontecia o movimento, para ser asfaltada.

As metodologias adotadas foram revisão bibliográfica, análise documental, audiovisual, fotos, entrevista, análise e cruzamento de dados. No livro sobre construir o primeiro projeto em Educação e Música, da autora Maura Penna, o autor Bell coloca que:

Documento é um termo geral para uma impressão deixada em um objeto físico, por ser humano. A pesquisa pode envolver a análise de fotografias, filmes, vídeos, slides [e gravações] e outras fontes não escritas, todas podendo ser classificadas como documentos, mas o tipo mais comum em pesquisa educacional são as fontes impressas ou manuscritas[...] (Bell apud PENNA, 2008, p. 109).

O referido autor trata o documento como um termo geral, incluindo fotografias, filmes, vídeos e outras. Como ele mesmo coloca que estas fontes são as mais usadas em pesquisa educacional, tanto quanto as manuscritas.

Segundo os autores: Sá, Silva; Almeida; Guindani, (2009, p.8-9), traz a dimensão sobre análise documental:

É primordial em todas as etapas de análise documental que se avalie o contexto histórico no qual foi produzido o documento, o universo sociopolítico do autor e daqueles a quem foi destinado, seja qual tenha sido a época em que o texto foi escrito. [...].

Do mesmo modo, o autor Zago fala sobre a importância da realização de gravações em áudio durante as entrevistas, que é uma forma de registro mais recomendável, embora, deve ser negociada com o entrevistado, cuja autorização é indispensável:

A gravação do material é de fundamental importância pois, com base nela o pesquisador está mais livre para conduzir as questões e favorecer a relação de interlocução [...]. Esse registro tem uma função também importante na organização e análise de resultados pelo acesso a um material mais completo do que as anotações podem oferecer e ainda por permitir novamente escutar as entrevistas, reexaminando os conteúdos. (ZAGO apud PENNA, 2003, p. 299).

O autor Zago, fala a respeito das entrevistas e gravação de áudio, quando ele coloca que o registro tem uma função também na organização e análise de resultados pelo acesso a um material mais completo do que as anotações, permitir novamente escutar as entrevistas, reexaminando os conteúdos. Neste trecho que o autor trouxe, está interligado com o meu trabalho, pois os entrevistados me mandaram um áudio, onde eu pude escutar várias vezes e arquivar no meu e-mail e drive, pois os entrevistados autorizaram eu colocar no meu trabalho. Como tive oportunidade de ficar reexaminando o áudio quando tenho alguma dúvida sobre o Lindô.

No primeiro capítulo deste TCC foi feita a revisão bibliográfica sobre o Lindô, onde pesquisei alguns autores, sendo eles: Quilombola (2017), Filho, et al, (2011), Rodrigues (2017) e Araújo (2016) para enriquecer o trabalho, como cada pesquisa contribuiu para que eu pudesse conhecer e entender melhor sobre o Lindô.

De forma simplificada, o segundo capítulo é fundamental, pois traz as fontes documentais da pesquisa, sendo elas as entrevistas, fotos e vídeos. Segundo a pesquisa sobre o Lindô, com os entrevistados, foi importante a entrevista de cada um, como conhecer a história do Lindô, pois muitas das coisas que os entrevistados abordaram foram enriquecedoras para este trabalho. A importância que o Lindô tem dentro da comunidade e a preocupação dos entrevistados Gercione e Silvano do Lindô pelo término da manifestação, pois as novas gerações não poderão mais conhecer o Lindô. Deste modo, o vídeo que o Silvano Conceição Barros me enviou, aconteceu nos anos de 2014 e 2016, foi relevante em questão de ele trazer informações que eu não conhecia, quanto a música e a vestimenta percebe que a música que o grupo aprendeu era entoada “chora bananeira que amanhã eu vou embora”, suas roupas para realizar as apresentações eram blusa branca e saia rodada, dos homens era calça e camisa branca e na análise das fotos do grupo do Lindô, que foram tiradas pelas acadêmicas do curso de Educação do Campo, Alice Queiroz da Silva e Lidiane Brandão Macedo em 2019. Essa atividade foi pontual, mas os ensaios do grupo do Lindô já não estava mais acontecendo neste ano de 2019. O Lindô não está mais acontecendo na comunidade, mesmo antes da pandemia da covid-19, por conta de diversos fatores, entre eles, uma das brincantes de maior conhecimento do povoado não conseguir mais dançar, pois encontra-se na cadeira de roda.

CAPÍTULO I

Neste capítulo será realizada uma revisão bibliográfica sobre a manifestação cultural do Lindô e temas que o circundam. Com intuito de trazer autores que falam a respeito da Dança do Lindô, como TCC, texto, artigo, dentre outros.

Com a revista *Didática e sistemática*, pude conhecer um pouco da história do Quilombo Cocalinho, o autor Filho, et al (2011), aponta que o Lindô é levado para sala de aula em sua comunidade, além de ser parte integrante da cultura negra brasileira, Filho (2011) fala que possui aspectos da cultura africana, pois “o ritmo e os sons do Lindô, coloca que lembram da cultura africana” (p. 25). O autor fala que os africanos com sólida tradição musical possuíam amplo domínio dos tambores. O autor ainda fala que a presença do tambor na dança do lindô é forte e, ao mesmo tempo, contribui na marcação dos passos durante o bailado.

Nesta fala acima, Filho traz a importância do Lindô na sala de aula, que acontece na comunidade de remanescentes de quilombos da região norte do estado do Tocantins. Na própria escola da comunidade foi realizada a pesquisa, a comunidade era conhecida na região do quilombo cocalinho.

De acordo com Rodrigues (2017, p. 689), “nossos rostos marcam nossas identidades, apresentando-nos ao mundo; eles estampam nossos documentos de identificação, chegando, portanto, antes de nós mesmos”. No caso dos quilombolas de cocalinho, podemos dizer que o Lindô é a representação cultural mais forte da identidade dessa comunidade e é por meio dessas cantigas e dança que a comunidade se apresenta para os outros. O Lindô é o elemento cultural escolhido pela própria comunidade para se apresentar, verificamos ser ele um elemento muito importante do Quilombo Cocalinho, nesse sentido, o Lindô contribui para fortalecer a identidade desses sujeitos dentro e fora do quilombo. Em relação a este documento, percebo que mediante a dança do Lindô, aquelas pessoas traziam nos rostos a marca da identidade deles, então vejo que o Lindô tem uma representação cultural, quanto à sua forte identidade dentro da comunidade.

Segundo Bispo (2007), no seu livro intitulado *Colonização quilombos: modos e significados*, é importante a influência do pensamento de elaboração circular dos povos, como também o texto traz sobre o termo quilombo que antes era imposto como uma denominação

de uma organização criminosa, que reaparece depois da constituição de 1988 como uma organização de direito, reivindicada pelos próprios sujeitos quilombolas. O Bispo aborda pontos relevantes, pois ao mesmo tempo que se fala dos povos na constituição Federal, sobre o quilombo, o mesmo ocorre juntamente com o termo povos indígenas, que também foi ressignificado por esses povos como uma categoria de reivindicação dos seus direitos. Sabendo que no passado elas foram impostas e os povos foram capazes de ressignificá-las. Tanto é que elas se transformaram do crime para o direito, do pejorativo para o afirmativo. Isso demonstra um refluxo filosófico que é um resultado direto da capacidade de pensar e de elaborar conceitos circularmente.

O Bispo (2007) nos aponta também que podemos perceber que tratam da religiosidade como uma grande influência do pensamento pluralista politeísta, quando o Artigo 5, Inciso VI, da Constituição Federal garante a liberdade de crença e de culto, reconhecendo expressamente a pluralidade religiosa brasileira.

Este Art. 5. Inciso VI diz que” é inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e a suas liturgias diversas manifestações. Santos (2015, p. 96).

Esse entendimento delibera que determinados projetos devem ser executados, que seja considerado o caráter territorial desses empreendimentos, ou seja, o que for feito no território de determinado grupo ou povo, logo também os pertences. Portanto este Inciso VI, exerce diversas questões sobre a crença, não só como exercício dos cultos religiosos garantida na forma da lei, como as diversas manifestações culturais. Como questionar em determinados projetos a serem executados, feito pelo próprio povo ou grupo.

Bispo (2007) também questiona sobre as comunidades que continuam sendo atacadas pelos colonizadores que se utilizam de armas com o poder de destruição, ainda mais sofisticadas. Da mesma forma, hoje, os colonizadores, ao invés de se denominarem Império Ultramarino, denominam a sua organização de Estado Democrático de Direito e não apenas queimam, mas também inundam. Como traz tudo aquilo é fundamental para a existência das nossas comunidades, ou seja, os nossos territórios e todos os símbolos e significações de modo de vida.

Segundo Santos (2015, p. 41) as manifestações culturais dos povos euro cristão chamados monoteísta, são organizadas em uma das estruturas verticais com regras estáticas, o número de participantes é limitado e classificados por sexo, faixa etária, assim como também

é dividido em grupo ou individual. O autor coloca que é mais valorizado o talento individual do que o trabalho em equipe, neste contexto, os participantes, as competições são praticados em espaços delimitados como arbitradas por um juiz, o engraçado é que aos olhos dos torcedores e simpatizantes devem participar com vaias ou aplausos.

No entanto tem a outra manifestação cultural dos povos, chamado afro pindorâmicos, pagãos politeístas, o autor traz que eles organizam geralmente em estruturas, seja ela circulares e participantes de ambos os sexos, faixas etárias e número ilimitado de participantes. Deste modo Santos (2015, p. 41), diz que:

As atividades são organizadas por fundamentos e princípios filosóficos comunitários que são verdadeiros ensinamentos de vida. É por isso que no lugar dos juízes, temos as mestras e os mestres na condução dessas atividades.” [...] Onde as ações e atividades desenvolvidas por cada pessoa são uma expressão das tradições de vida e de sabedoria da comunidade.

Mediante a leitura do livro do Nego Bispo (2007), o Lindô se enquadra neste termo afro pindorâmicos, por conta do contexto que traz como verdadeiros ensinamentos de vida. Observando, tem muito a ver, pois tem juízes que participam nesta atividade, mestra e mestre na condução das atividades. Como na minha comunidade a Dona dos Anjos que era a mestra da dança do Lindô, ela ensinou a dança do lindô para a comunidade.

Este livro é a prova desta constatação. Para mim, a centralidade deste livro de Bispo está na visibilidade que é dada às muitas estratégias de resistência. Suas aproximações e singularidades. O destaque de que a expropriação dos territórios não se dá apenas no campo material: das terras, das posses e das riquezas produzidas, mas, sobretudo, no mundo simbólico, no imaterial: na cultura, nas danças, na língua, nos símbolos, na diversidade e nas divindades.

Um trabalho de muita relevância para essa pesquisa é o TCC do Joelson Rocha de Araújo/ curso Ciências sociais da Universidade Federal Tocantins, campus de Tocantinópolis, (Araújo, 2016), traz como objetivo analisar a dança do Lindô no povoado Folha Grossa no município de Tocantinópolis, pois é uma manifestação cultural que foi trazido para o povoado Folha Grossa, através de pessoas que vieram do estado do Maranhão para o Tocantins. O primeiro capítulo do TCC foi organizado a partir da contextualização, onde vem falar do contexto histórico, tanto do município de Tocantinópolis, como também do povoado folha grossa e assim o local de realização do trabalho de campo, onde se localiza o foco principal do trabalho. O autor destaca que esta dança é típica da região e que vem sendo esquecida com

o passar dos anos, mas, através de um grupo formado por moradores da Folha Grossa estão trazendo de volta aos poucos está riquíssima história para reviver essa dança tão importante para a comunidade.

O Autor fala de como surgiu a dança Lindô, que é uma dança de origem africana e no Brasil, somente teve início no estado do Maranhão no ano de 1772, na cidade de Caxias pelos escravos e pelos brancos que ali conviviam na época.

Mais adiante, Araújo (2016) fala sobre a dança do Lindô quando surgiu no Povoado Folha Grossa a partir do ano de 1930, época em que os primeiros a habitarem o local foi o Raimundo Pereira da Silva e seus familiares, que vieram do Estado do Maranhão à procura de uma vida melhor, local que já contava com 20 famílias.

No trabalho do Joelson, traz um contexto importante que o Lindô é uma dança que parece com a dança de roda onde lembra muito as quadrilhas pelas pessoas e por seu formato de como praticamente é vista somente como uma brincadeira, de muitas pessoas juntas para dançar. A música era feita pelo som do pandeiro, composto por um aro de madeira, batidas de pés e palmas. No Lindô não pode faltar o principal, o que são as letras das músicas, pois são criadas por moradores do povoado, eles mesmo criam a música, onde todo grupo aprende a cantar a canção para realizar a dança.

Segundo o autor Araújo (2016), a dança acontece de forma concreta com a música, ou seja, seus passos são simples e se repetem de forma que os dançarinos estejam sintonizados com a música, para poder realizarem seus próprios movimentos juntamente com as palmas e as batidas dos pés no chão, seja calçado que vai sair um som quando dançar.

Na leitura feita do TCC de Araújo (2016), percebi que houve uma diferença grande do Lindô, pois no ano que ele realizou seu TCC foi no período que estava acontecendo a paralisação da TO- 126 em 2016, porém, neste ano durante as minhas pesquisas, encontrei uma enorme mudança na dança, pois antes da pandemia aos poucos o grupo foi parando de dançar e agora com a pandemia da Covid-19 ficou ainda mais difícil se encontrar, por conta de ser uma dança que precisar ter contato um com o outro, segurando os braços um no outro, fazendo um círculo onde o homem ficar parado no lugar e a mulher vai passando até retornar ao seu par novamente, é bem parecido com a de quadrilha.

A TO-126 hoje já foi asfaltada, não havendo mais a necessidade de paralisação, resultado da luta que foi grande e valeu a pena, porque fizeram o asfalto dessa comunidade Folha Grossa e a comunidade vizinha Ribeirão grande Pedro Bento, então na época da paralisação todas aquelas pessoas que estavam presentes, até a outra comunidade fizeram parte da dança do Lindô, o momento em que acontecia a dança na paralisação, eles ficavam lá dia e noite no meio da estrada, então eles tinham a ideia de dançar para se divertir nas noites que ficavam na paralisação.

Finalizo este capítulo, no próximo capítulo, serão apresentadas as análises dos vídeos e entrevistas com algumas das pessoas que participaram do grupo do Lindô, o capítulo será chamado de memórias do Lindô.

CAPÍTULO II -MEMÓRIAS DO LINDÔ

Esse capítulo tem por finalidade analisar dois vídeos, um de 2014 e outro de 2016, assim como as análises das entrevistas que foram realizadas com moradores do Povoado Folha Grossa, por Gercione Pereira Soares e Silvano Conceição Barros. O direcionamento foi a respeito do Lindô, quando participaram e a importância na vida de cada um.

O acesso aos vídeos ocorreu graças à contribuição do Silvano, um dos integrantes da manifestação que dançou o Lindô. Silvano participou junto com o grupo, desde o início, até perceber que poucas pessoas tinham vídeos e fotos guardados sobre o Lindô, o que motivou seu registro.

A ideia seria eu ir à casa de cada integrante, que fez parte do grupo do Lindô, para eu poder fazer a entrevista, a proposta seria de 4 mulheres e 4 homens. Como também seria gravado um vídeo na minha própria residência, onde iria convidar as pessoas do grupo do lindô, para me ensinar a dançar, mas, como já foi falado, não foi possível.

2.1 Vídeo 2014

O vídeo (BARROS, 2014) foi realizado no terreiro da dona Maria dos Anjos que fica na comunidade Folha Grossa, a qual eles estavam ensaiando para apresentar na cidade de Tocantinópolis. Então o grupo que ali estava participando do ensaio cantava e dançava em roda. Percebe-se que no ensaio tinham 14 pessoas que estavam dançando o Lindô, suas roupas eram short, a camisa dos homens era sem manga e de cores diferentes, como preto, azul, verde e colorido. As mulheres, algumas estavam de short, as saias que cada mulher usava eram de cores diferentes, rodada e blusa branca, rosa, alaranjado e preto, cada uma de uma cor, porque era só um ensaio, então os homens não vestiam suas calças e camisa de manga branca e as mulheres também não usavam blusa branca e saia longa rodada.

Observando o áudio do vídeo, havia somente falas da plateia que estava presente, sons do ambiente e ruídos no momento que eles dançavam. A música que o grupo cantava durante a dança do Lindô, era "Chora bananeira que amanhã eu vou embora". Achei muito interessante em relação a música pois todos que estão participando da dança do Lindô, cantam bem alegres, o que pude ver no vídeo é que no grupo também havia duas crianças dançando,

como também um casal de mulher com mulher. Foi possível perceber que havia pouquíssimos homens que participavam do ensaio. Este vídeo apresenta uma alegria e diversão no rosto daquelas pessoas que ali participam e da plateia que fazia presente no ensaio. O vídeo é bem curto, tem apenas 25 segundos, sendo assim, trouxe um ponto de vista de suma importância, pois pude conhecer como aconteciam os ensaios do grupo.

2.2 Vídeo 2016

Esse evento (BARROS, 2016) aconteceu na comunidade Folha Grossa, na virada de ano de 2016, no galpão da praça da comunidade, o vídeo despertou em mim muito interesse com a forma que as pessoas se vestiam para realização da dança do Lindô, em que os homens se vestem de roupas brancas e calça e camisa da mesma cor e as mulheres também vestiam saias longas rodadas brancas e blusa branca.

O que me chamou atenção nesse pequeno vídeo de 1:00 minuto, é a alegria de todos os integrantes que participaram da dança. Quanto à música, eles cantavam a mesma música do ensaio do outro vídeo "chora bananeira que amanhã eu vou embora"; o que me chamou atenção foi a presença de umas 4 (quatro) crianças dançando, juntas com os adultos. Assim, eu percebi que elas não tinham vergonha de errar ou não estarem todos em sincronia com a música e a dança.

2.3 - Entrevistas

Conforme justificada anteriormente, a entrevista teve que ser mudada, por conta da pandemia, diante disso, tive que fazer pelo WhatsApp, para não ficar sem realizar a mesma. Dessa forma, as entrevistas despertaram em mim muito interesse em ir mais além, e de buscar outras pessoas para entrevistar.

Diante da Covid 19, a maioria das pessoas não recebiam em suas casas para poder fazer as entrevistas, algumas delas não lembravam mais da dança, deste modo, só consegui realizar com o Silvano Conceição Barros e Gercione Pereira Soares, a fala deles foi relevante para desenvolver o trabalho. Tendo uma base de como foi o Lindô e traz todo aquele

levantamento, principalmente quando eles falaram para mim que aos poucos os mais velhos vão esquecendo, e que as novas gerações, poucos conhecem esta história da dança do Lindô.

2.3.1 Entrevista Silvano Conceição Barros

Na entrevista realizada com o Silvano Conceição Barros, que é morador do Folha Grossa, ele fala que o primeiro contato dele com essa cultura aqui na comunidade Folha Grossa foi só em 2014, quando ele estava na paralisação da TO- 126 em uma das noites, que ficava a noite toda na estrada, o entrevistado fala que a Dona dos Anjos com sua mãe Silvia, Maria de Lurdes, Ilsa, Dona Hilda, dançaram e ele também dançou nesta noite, dentre os que estavam presentes dançaram o Gercione, Adeane e outros.

A gente dançou lá e daí a gente começou e gostou da dança, porque até então nunca tinha dançado e não é um evento com foco religioso, e assim é um caráter como uma brincadeira, as pessoas dançava antes com intuito de se divertir na noite, de passar a noite onde eles se reuniam para conversar e dali resolvi dança o lindô principalmente em Lua cheia. (Barros, 2021).

Silvano fala que quando a lua estava bonita bem clara eles dançavam, conta então um pouco da história que a Dona dos Anjos contava para eles de como que acontecia a reunião para dançar o Lindô. Era nesse momento em que as pessoas se juntam nas casas e lá resolveram dançar o Lindô para passar a noite. O entrevistado traz que:

depois que dançamos em 2014, a gente começou a ensaiar, então na faculdade tiveram conhecimento que já tinha dançado na comunidade, então surgiu o convite para o grupo se apresentar o lindô na UFT. Maria dos Anjos foi professora na dança, ela sabia os passos, as músicas, então começou a ensaiar as músicas e os passos da dança que não era complicado. (Barros, 2021).

O entrevistado fala que de imediato pegou as músicas, o passo da dança como se fosse uma Ciranda ou uma brincadeira de roda, então ele ensaiou para apresentar na UFT, conseguiram realizar a apresentação na UFT com o grupo do Lindô. Silvano relata que ela explicava um pouco sobre o Lindô como que ele apareceu no Povoado Folha Grossa e como que as pessoas tinham conhecimento sobre isso, ele decidiu pesquisar a origem do Lindô, o mesmo fala que fez uma pesquisa na internet que informou que se tratava de uma dança típica na região ou uma cultura vinda de fora, trazido por alguém de outro país, nessa pesquisa eles encontraram a origem Africana, chegando até o Maranhão e do Maranhão para a nossa comunidade.

O entrevistado fala que Dona Francisca nascida no povoado Água Fria na cidade de Caxias do Estado do Maranhão, que também tem um grupo de lindô no Maranhão, bastante conhecido e com muitos componentes, as pessoas dançam desde criança até adultos, ele fala que apresentou na mesa redonda na UFT o Lindô no Tocantins e Folha Grossa. O Silvano traz que foi muito bom dançar e fazer a apresentação outras vezes na beira rio, ele falou que houve ensaio, mas, depois a professora ficou doente e ficou sem condição de manter os ensaios.

O entrevistado questiona que foi um período bom para comunidade, eles apresentaram em outros lugares, como na UFT, na beira rio da cidade de Tocantinópolis, em festas juninas e fala que aprenderam rápido, fazendo um apanhado de conhecimento sobre o Lindô.

Silvano relatou que a dança foi muito proveitosa e cheia de aprendizado para a comunidade, fala que quem dançou jamais vai esquecer e aprendeu bastante com os relatos de como aconteceu. O entrevistado traz “acredito que o Lindô trouxe uma história para a vida de cada um que dançou, como era dançado em dias de lua cheia, quando houve a paralisação da TO-126, estrada que liga ao município de Maurilândia”.

2.3.2 Entrevista Gercione Pereira Soares

Na entrevista realizada com Gercione Pereira Soares, morador do povoado Folha Grossa, sobre a dança do Lindô, o entrevistado fala que para ele foi uma experiência muito grande, no entanto o Lindô no começo foi estranho, coloca isso porque não sabia dançar, sendo uma coisa muito nova para ele, pois nunca tinha dançado antes essas danças tradicionais, a partir do momento que o entrevistado participou da dança e dos ensaios junto com o grupo do Lindô ele pode conhecer melhor a dança.

O entrevistado fala que é uma coisa bem ancestral, fala que percebeu nos ensaios e nas apresentações, foi a alegria que vem das senhoras principalmente das crianças nos ensaios, que era na casa dona Dos Anjos, que era uma das únicas, que ainda sabe as músicas e um pouco dos passos, Gercione fala que a Dona dos Anjos aprendeu a dança antes de vir do Maranhão, o que ela sabe é diferente um pouco, pois o entrevistado traz que assistiu uma apresentação na UFT, do Cocalinho e notou a diferença, nesta manifestação do Lindô as mulheres falavam que cansam rápido, mas no final das contas elas não estavam cansadas e querem sempre dançar outra vez.

O entrevistado fala que apresentou a dança do Lindô na UFT, depois fizeram outra na beira rio no Festival de quadrilhas, o mesmo fala que não participou da apresentação pois não dançavam mais junto com o grupo, que se afastou um pouco do grupo e a experiência foi muito boa e fundamental para a cultura do Povoado, porque essa cultura tradicional, marca os mais velhos e ela aos poucos vai morrendo, o entrevistado coloca que não está sendo passado de uma geração para outra, para que chegue aos mais novos. Então traz outro ponto: "o pessoal costuma dizer, que as crianças não têm interesse, mas na verdade, quando houve o ensaio naquela época, as crianças participavam". (Soares, 2021).

O Gercione fala que tinham algumas crianças que iam e queriam de alguma forma participar das brincadeiras, o Lindô é como se fosse uma brincadeira de terreiro e juntava a família. O mesmo fala um ponto que ele achou estranho, traz que os homens não participavam, os mais velhos tinham pouquíssimos, alguns ficavam de fora olhando e rindo de tudo, não dançavam, nem participavam. "Tinham mais mulheres, tanto que havia pares de mulheres e outros homens e mulher tradicionalmente, aí teve que formar pares" (Soares, 2021). O Gercione fala também que, como sugestão, tinha que levar o Lindô para escola:

escola tem um papel social na comunidade, a escola se limitar muito a muros, sem sair e nem levar o que está fora para dentro, nem o que está dentro para fora, então eu penso assim o lindô fosse trabalhado dentro das escolas poderia também fortalecer o lindô. (Soares, 2021).

O entrevistado aborda em relação ao Lindô que ele teve uma experiência em participar e criar esse vínculo com os mais velhos, ele coloca também que, infelizmente, agora vai ficar mais difícil de ter o Lindô, porque a Dona dos Anjos uma das poucas que sabe e a Dona Hilda não dançam mais. Gercione fala que a Dona dos Anjos está doente, ela não consegue mais dançar, por conta do derrame e a Dona Hilda está em luto pela morte do filho em um acidente e não se sabe como ela está emocionalmente neste momento para dançar. Por fim, o entrevistado fala que "o luto paralisa, então a gente não sabe muito como que vai ser daqui para a frente em questão do lindô", ele coloca também a importância do Lindô, "é muito grande no sentido da cultura e tradição, porque isso é o que dá sentido ao povo, ao povoado, território e as pessoas." (Soares, 2021).

A fala do Gercione foi muito importante, pois traz alguns pontos que não conhecia, assim como também sua experiência que teve no Lindô, como também coloca que tinha pares de mulher com mulher e mesmo com poucos homens eles não deixavam de ensaiar a dança. Então para mim achei bem interessante as crianças participando, sei que foi muito lindo junto

com os adultos, ele fala também que o Lindô deu uma parada, o que é muito preocupante, pois a comunidade perde parte de sua identidade.

Observando as entrevistas realizadas com Silvano Conceição e Gercione Soares e tendo em vista que os dois entrevistados falam muito a respeito do Lindô e participaram pontualmente dessa manifestação cultural na comunidade do povoado Folha Grossa, esses registros se fazem necessários e são de elevada importância para a pesquisa.

2.4 Fotos

Faço aqui uma análise de fotos que foram tiradas pelas acadêmicas Lidiane Brandão Macedo e Alice Queiroz da Silva, que elas fizeram na disciplina de Práxis Sonora I, na Universidade Federal do Tocantins, sobre o Lindô, o professor da disciplina era Carlos Alberto Gomes.

As estudantes Alice Queiroz e Lidiane Brandão são do curso de Educação do Campo e realizaram este trabalho na comunidade Folha Grossa, elas falaram que tiraram a foto na frente da casa do Vizinho da Dona dos Anjos na data 08-11-2019. No trabalho das acadêmicas, onde foi desenvolvido na comunidade Folha Grossa, elas convidaram os alunos da Escola Municipal Manoel de Sousa Lima para dançar junto com o grupo do Lindô, a qual foi autorizada pelos pais. No meu ponto de vista, este trabalho na disciplina Práxis Sonora I, foi fundamental, e ao mesmo tempo enriquecedor, tanto para comunidade, quanto para as crianças que ali dançaram junto com o grupo.

Figura 2 Foto do Grupo de Lindô 1.



Fonte: Acervo de Macedo e Queiroz (2019a)

A Dona dos Anjos é essa senhora que está sentada na cadeira. Essas fotos tiradas pelas acadêmicas chamaram muita atenção, pois conta com a participação de crianças, jovens e idosas. Vendo esta foto, a senhora de blusa vermelha sentada na calçada não se faz mais presente, ela faleceu no início do ano de 2022, então essa foto é importante porque registra a memória dessa senhora e desse momento do Lindô com as crianças da comunidade. A Lidiane e Alice me autorizam a colocar esta foto no meu trabalho de conclusão de curso, o grupo está com roupa da mesma cor branco e vermelho.

Figura 3 Foto do Grupo do Lindô, Jovens e Crianças da Folha Grossa 2.



Fonte: Acervo de Macedo e Queiroz (2019b)

A imagem, no entanto, foi tirada depois que o grupo fez a apresentação da dança do Lindô. As acadêmicas falam que o grupo estava ensinando as crianças da comunidade a dança do Lindô.

Figura 4 Grupo do Lindô e acadêmicas Lidiane Brandão e Alice Queiroz 3.



Fonte: Fotografia tirada por Macedo e Queiroz (2019c)

A última imagem que as acadêmicas tiraram com o grupo, eu perguntei se elas dançaram. Lidiane falou que não dançaram, apenas observaram e fizeram o registro. Esse trabalho que elas fizeram foi fundamental, tanto para as crianças, quanto para os moradores da comunidade Folha Grossa.

Portanto, ao ver as fotos tiradas pelas acadêmicas Alice Queiroz e Lidiane Brandão em 2019, antes da pandemia da Covid 19, vejo que o grupo não estava como antes no vídeo de 2014 e 2016, com tantos integrantes, apenas poucas pessoas ali faziam presentes na foto e na realização da dança. Mas vendo a foto com tantas crianças da própria Comunidade Folha Grossa, fiquei motivada, em questão de o grupo não medir esforços em ensinar as crianças. Para mim, teve um significado grande, tanto na parte das acadêmicas, quanto no grupo do Lindô.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho foi relevante para entender a dança do Lindô, por ser uma dança de origem africana e ao mesmo tempo, ter um significado grande na vida de cada integrante que participou da dança do Lindô na comunidade. Alguns membros da minha família tinham participado num passado anterior aos primeiros registros, como minha avó Carmosina Da Silva Sousa e seu esposo e meu avô Tomaz de Sousa falecido em 1994, indicando a presença da dança na comunidade a mais tempo. No entanto, eu também tenho a preocupação, sobre outras pessoas não poderem conhecer esta dança, por isso escolhi realizar a pesquisa dentro da minha própria comunidade que moro, no Povoado Folha Grossa, com intuito das novas gerações conhecerem a dança do Lindô.

Como eu falei acima sobre minha preocupação de outras pessoas não conhecerem essa manifestação, eu enviei para meu e-mail institucional os vídeos de 2014 e 2016 que Silvano Conceição Barros me enviou, para manter esses registros, assim como publicar em um canal do YouTube para disponibilizar mais facilmente aos membros da comunidade. Vendo a dança nos vídeos que aconteceram no Povoado Folha Grossa, parece muito com a de quadrilha, em relação aos passos e serem dançados por casal. Houve diferença da pesquisa de Araújo, pois ele realizou suas entrevistas com muitos integrantes do grupo, eu só consegui realizar apenas com 2 pessoas, por conta da Covid-19 e por alguns do grupo do Lindô não lembrarem mais.

De acordo com os resultados obtidos sobre o Lindô, percebe que a comunidade Folha Grossa não media esforços para realizar a dança, como ensinar a outra pessoa. Pois nas entrevistas, os entrevistados colocam muito que a mestra Dona Dos Anjos, nascida na cidade de Grajaú Maranhão no dia 02 de outubro do ano 1942, aprendeu a dançar lá e veio a ensinar alguns da comunidade que quisesse participar. Vendo o trabalho realizado pelas acadêmicas do Curso de Educação do Campo, sobre a Dança do Lindô, foi gratificante pois o grupo, ensinou as crianças da comunidade.

Os elementos que trouxe para esse trabalho era de mim mesma aprender a dançar, mais por conta da Covid-19, tive que adaptar o trabalho, mas acredito que quando acabar a pandemia eu possa ter oportunidade de realizar a dança. Mesmo assim, eu fico feliz, por conhecer e entender melhor como acontecia o Lindô na minha comunidade, através das entrevistas realizadas e vídeos que o Silvano me enviou.

A conclusão deste trabalho, vejo que o grupo do Lindô, não está mais realizando a dança, antes da pandemia e durante a minha realização desta pesquisa, então para mim foi um desafio grande, ao mesmo tempo motivador, como salvar imagens desta pesquisa para que as novas gerações possam conhecer, como será também divulgado para outras pessoas, que queiram conhecer esta dança, pois para mim é de suma importância.

A música que ouvi o grupo do Lindô, cantando “Chora bananeira que amanhã eu vou embora”, música que eu não conhecia, mas já tinha ouvido minha mãe Maria ficar cantando, mesmo que nunca tinha prestado bem atenção na letra, quando o Silvano me passou o vídeo do ano de 2014 e 2016, eu pude ouvir esta melodia e ao mesmo tempo, não saiu da mente, fico cantando direto quando estou distraída.

O objetivo geral desta pesquisa foi compreender o Lindô, antes da pandemia da Covid-19 e durante a pandemia, o que houve de diferente e como vem acontecendo a dança, quanto ao processo de aprendizagem da manifestação cultural da dança do Lindô. Percebe-se a dança ela não estava mais acontecendo na Comunidade antes da pandemia da Covid-19, o último encontro do grupo foi em 2019, quando as acadêmicas fizeram o convite para que eles ensinassem as crianças do Povoado Folha Grossa. Então o Lindô, não está mais acontecendo desde o final do ano 2017 antes da pandemia.

Os objetivos específicos do trabalho foram verificar como vem desenvolvendo o Lindô; conhecer o nome da música que era cantada durante a realização da dança; antes e durante a pandemia como acontecia o Lindô, compreender a manifestação cultural da dança Lindô no povoado Folha Grossa não estava acontecendo antes da pandemia; verificar na dança do Lindô, se aquelas pessoas pesquisadas por Araújo (2016) ainda realizam a manifestação do mesmo modo, ou se existem diferenças, se sim, quais.

Analisando o objetivo geral e específicos deste trabalho, fui contemplada em alguma parte como em conhecer o lindô, através das entrevistas e pesquisa realizada sobre ele, a conclusão que trago sobre os objetivos específicos é que a música que eles cantavam durante suas apresentações era apenas a “Chora bananeira que amanhã eu vou embora”. O lindô apresentou diferenças desde quando Araújo (2016) fez seu TCC até agora, o lindô na comunidade estava acontecendo e tinham muitos integrantes que participavam junto com o grupo, como a entrevista, que ele pode fazer com quase todas as pessoas do grupo.

No ano de 2021, quando fui à casa das pessoas que já faziam parte do grupo, perguntar sobre o Lindô, eles não lembraram mais sobre a dança, então no momento fiquei preocupada,

ao mesmo tempo eu me questioneei se a comunidade tivesse esse trabalho arquivado para que outras pessoas pudessem conhecer seria importante.

Ao término desta pesquisa pude constatar a importância da dança do Lindô como manifestação cultural da comunidade do Folha Grossa, como forma de lazer e interação dos membros, no entanto essa prática tem sido esquecida. Com minha pesquisa quero manter o registro histórico desta dança.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Joelson Rocha de. **A dança do lindô**: um estudo etnográfico no povoado Folha Grossa / Tocantinópolis – TO, 2016. TCC (Graduação em licenciatura em Ciências Sociais) Universidade Federal do Tocantins, Tocantinópolis – TO, Acervo da Biblioteca UFNT 59f:

BARROS, Silvano Conceição. **Entrevista**. Cedida a Railma Barroso de Sousa, A dança do Lindô: Registro e Memória no Povoado Folha Grossa, Tocantinópolis- TO dia 10-09-2021.

BARROS, Silvano Conceição. **A dança do Lindô**. Povoado Folha Grossa - Tocantinópolis - TO. 2022. Vídeo 1 Ensaio: 2014 (25 segs.). Disponível em: <https://youtu.be/cMI7nVwGmxg>. Acesso em: 31 maio 2022.

BARROS, Silvano Conceição. **A dança do Lindô**. Povoado Folha Grossa - Tocantinópolis - TO. 2022. Vídeo 2 Apresentação: 2016 (1:00 min). Disponível em: https://youtu.be/_1V6eXLtGA. Acesso em: 31 maio 2022.

BUCKLAND, Thereza Jill. Mudança de perspectiva na etnografia da dança. (Trad. Giselle. G. A. Camargo) In: Camargo, Giselle G. A. (org.) **Antropologia da Dança I**. Florianópolis: Editora Insular, 2013, p. 143 – 153.

FILHO, Júlio Oliveira Lima; CARDOSO, Letícia Conceição Martins; PACHECO, Lúcia Maria. Dança do Lindô: Uma tradição transmitida do Leste para o Sul do Maranhão. In: **Anais**. XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste – Maceió – AL – 15 a 17 de junho de 2011.

MACEDO, Lidiane Brandão; QUEIROZ, Alice Silva. **Grupo Lindô 1**. Foto. 2019^a.

_____. **Grupo Lindô 2**. Foto. 2019b.

_____. **Grupo Lindô 3**. Foto. 2019c

QUILOMBOLA, Carlos José. **Revista didática e sistemática**. Comunidade quilombola para escola: O Lindô na sala de aula. 2017.

PENNA, Maura. **Construindo o primeiro projeto de pesquisa em Educação e Música**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2015.

SANTOS, Antônio Bispo. **Quilombos, Modos e Significados**. Teresina: Editoras COMEPI, 2015.

SILVA, Débora. Plantas com a letra F: **Folha-da-fortuna**, Benefícios das plantas. 2021. Disponível em: <https://www.beneficiosdasplantas.com.br/folha-da-fortuna/> Acesso em: 03 de junho de 2022.

SOARES, Gercione Pereira. **Entrevista**, Cedida a Railma Barroso de Sousa, A dança do Lindô: Registro e Memória no Povoado Folha Grossa, Tocantinópolis- TO dia 10-09-2021.

RODRIGUES, Wallace. Desconstruindo Discursos de Diferença na Escola. In: **Educação & Realidade**. UFRGS, Porto Alegre, v. 42, n. 2, pág. 687-706, abr./jun. 2017.